

CIDADES

DF - Educação

EDUCAÇÃO

Estudantes de Planaltina, São Sebastião, Estrutural, Riacho Fundo, Recanto das Emas e Itapoã começam o ano letivo no improvisado. No condomínio Estância Três, problema dura cinco anos

Aulas em salas de madeirite

ANA HELENA PAIXÃO
DA EQUIPE DO CORREIO

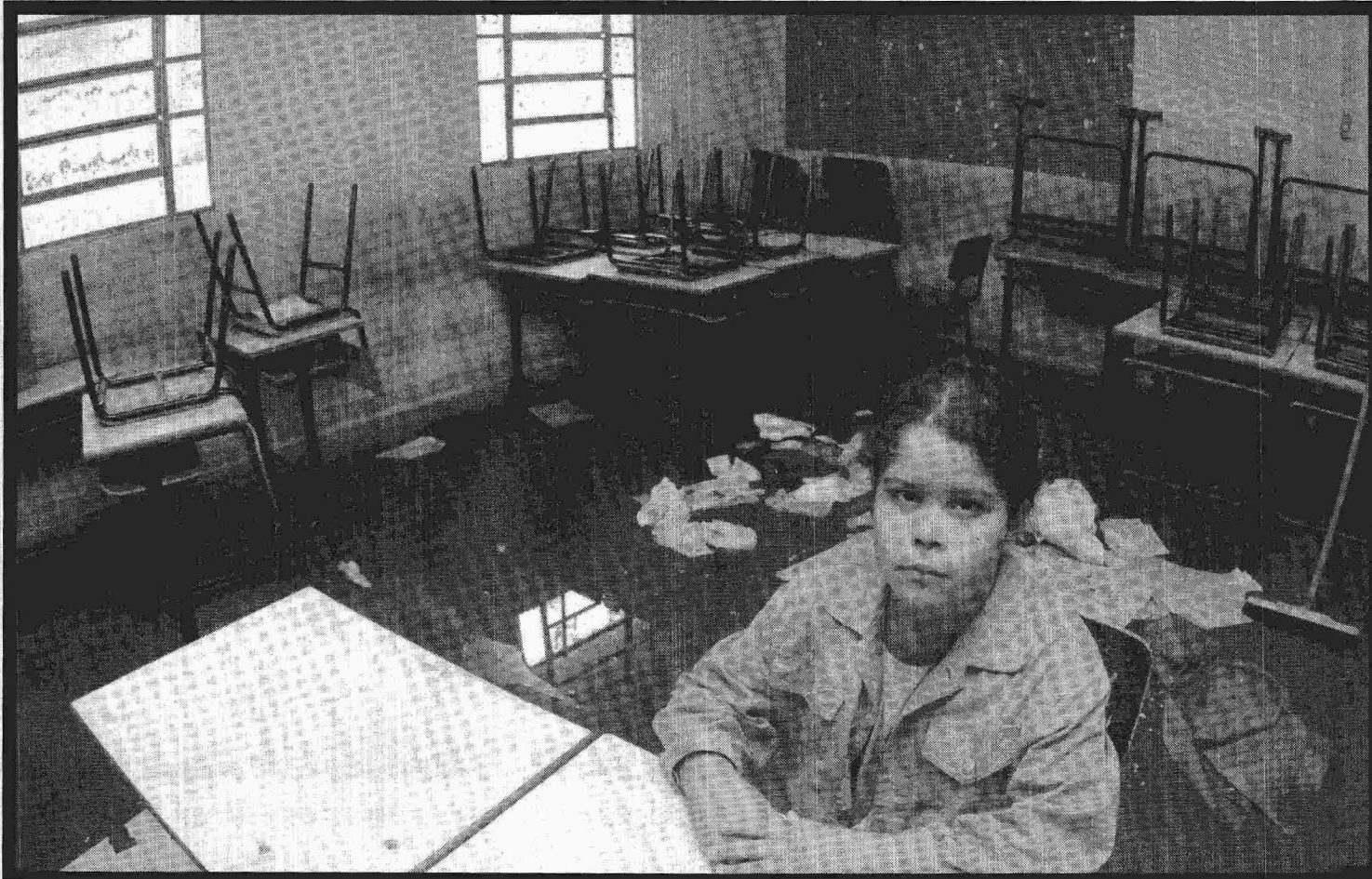
Há 15 dias do retorno das aulas nas escolas públicas do Distrito Federal, a equipe da Secretaria de Educação ainda se desdobra para acomodar todos os novos estudantes que se inscreveram pelo Disque-Matrícula. A procura por vagas superou em 35 mil a previsão inicial da secretaria. O maior problema é com a educação infantil. Quase seis mil crianças com quatro e cinco anos de idade sequer receberam correspondência com a definição de onde irão estudar. Faltam salas de aula principalmente em São Sebastião, Itapoã, Estrutural, Arapoanga (em Planaltina), Recanto das Emas e Riacho Fundo I e II — o que deve atrasar o começo do ano letivo para os alunos que moram nessas localidades. Parte do problema será resolvido com a construção de salas provisórias, de madeirite, em escolas já existentes. Mas a solução desagradou quem já têm os filhos instalados em barracões improvisados.

Desde 1999, os loteamentos Estância, em Planaltina, não param de crescer. A exemplo do que ocorre em Arapoanga, as escolas não comportam todas as crianças dos condomínios irregulares. Na Estância Três, a solução foi erguer um *puxadinho* em frente ao Centro de Ensino Fundamental do condomínio. O espaço foi inaugurado em 2000, com um barracão administrativo e outros dois para abrigar nove salas de aula. De provisório, o anexo de madeirite tornou-se permanente: há cinco anos, abriga 750 estudantes da 1ª a 4ª série do ensino fundamental.

Na tarde de ontem, um grupo de pais e alunos foi ao local protestar pela situação precária e conferir os estragos causados pelas chuvas do fim de semana e por uma onda de furtos, que começou na sexta-feira e terminou na madrugada de segunda-feira. Os ladrões driblaram a frágil segurança — só há um vigia durante o dia e outro à noite — e invadiram o colégio, que fica ao lado de um matagal e está com as cercas derubadas. Os bandidos quebraram vidros, reviraram salas, roubaram mesas, parte do telhado e todas as lâmpadas. Com a chuva e sem a proteção das telhas, a água infiltra pelas paredes e tetos, escorre pelos spots das lâmpadas roubadas e ameaça a instalação elétrica.

“Estudo aqui desde a primeira série. Ano passado, tinha buraco

Fotos: Daniel Ferreira/CB



ALUNA DA 4ª SÉRIE, KALAYANE DOS SANTOS SILVA, DE 9 ANOS, QUEIXA-SE DAS CONDIÇÕES DO LOCAL DE ESTUDO: “OS VIDROS DAS JANELAS SEMPRE ESTÃO QUEBRADOS”



PAIS E ESTUDANTES PROTESTAM CONTRA SALAS DE AULAS IMPROVISADAS, EM CONDOMÍNIO DE PLANALTINA

no teto, mas não vazava água. Os vidros das janelas sempre estão quebrados”, contou a estudante Kalayane Teixeira dos Santos Silva, 9 anos, que cursará a 4ª série. “No calor, a gente passa muito mal.” A irmã da menina, Dânila, 12, não teve aula na época da seca. “A tur-

ma ficou sozinha porque a professora desmaiou e foi para o hospital”, lembra a adolescente, que estudou cinco anos no colégio e vai cursar a 6ª série em outra escola.

Para os pais dos estudantes, o local estaria ameaçado com ou sem chuva. “Isso vai desabar. O te-

to está envergado por conta do vento, do sol e da chuva. Essa escola não tem condições de abrigar nossos filhos”, protestou o presidente da Associação de Moradores do Estância Três, Flávio Cardoso, 31, que também tem uma filha no colégio. Os pais decidiram se

organizar e conseguiram que uma equipe de técnicos da Administração e da Regional de Ensino de Planaltina fosse ao local ontem à tarde para vistoriar a escola.

“Faremos um levantamento do que precisa ser arrumado e providenciaremos os consertos

para que as aulas comecem aqui mesmo no dia 14”, disse a assessora da diretora regional de ensino, Lígia Terezinha Vilhardo. “Uma solução definitiva leva tempo e as crianças não podem ficar sem aulas”, justificou. De acordo com o administrador Agnaldo Lélis, problemas fundiários impedem a imediata construção de uma nova escola para o Estância Três. A obra está prevista, pelo terceiro ano consecutivo, no Orçamento do DF — em 2005, conta com verba de R\$ 3,2 milhões. “Mas aqui é tudo irregular. Pensávamos que essa área era da Embrapa. Descobrimos que é da Terracap. Não podemos invadir. Tentamos a cessão do terreno”, comentou Lélis.

Faltam salas

A secretária de Educação, Maristela Neves, confirma a informação. “Não tenho área regular para construir qualquer escola ali. Vamos esperar a Terracap para construir uma escola definitiva no mesmo lugar”, promete. A secretária também tenta receber, como doação, uma área particular em outra área próxima. “Isso resolveria todos os nossos problemas na região”, observa Neves. Ela afirma que esse problema não é exclusivo do Estância Três. Se repete no Itapoã, invasão regularizada recentemente. “Além do problema fundiário, não tenho espaço entre os barracos para erguer uma escola no Itapoã”, lamenta. Resultado: na nova cidade, também serão construídas salas de madeirite para abrigar algumas crianças, as demais terão aulas em colégios do Paranoá.

A secretária também tenta resolver a falta de salas em outras cidades. Na Estrutural, são construídas seis salas para alunos de 4 e 5 anos. No Recanto das Emas, foram alugados um prédio completo e salas complementares, em escolas particulares, para 2.089 crianças. Os estudantes de São Sebastião terão aulas em dois prédios alugados. Em Arapoanga, a solução também foi alugar 14 salas de aula particulares. Além dessas providências, engenheiros da secretária percorrem, durante a semana, escolas provisórias e definitivas para providenciar consertos até o dia 14. “Não pode haver atraso nos ensinamentos fundamental e médio. Esses alunos estão sendo encaixados. Nosso problema é na educação infantil, mas as aulas podem começar um pouco depois porque o calendário é diferente”, conclui a secretária de Educação.

GREVE

A comissão de negociação dos professores das escolas públicas do DF entregou ontem na Secretaria de Assuntos Sindicais a pauta básica de reivindicações da categoria. Uma greve está marcada para 8 de março. A categoria reivindica reposição das perdas salariais acumuladas, criação de planos de habitação e saúde e eleições diretas para os cargos de diretores de escolas públicas e gerências regionais de ensino. A assessoria de comunicação da Secretaria de Assuntos Sindicais informou que agendará encontro com outras secretarias do GDF envolvidas na negociação para analisar a viabilidade das reivindicações.